



Travessias
ISSN: 1982-5935
revista.travessias@unioeste.br
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Brasil

Gruda, Mateus Pranzetti Paul; Silva, Leonardo Bonadio
Humor e negritude: algumas considerações acerca de quando brancos racistas se tornam a piada
Travessias, vol. 16, núm. 2, 2022, Mayo-Agosto, pp. 118-127
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v16i2.29064>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=702073305009>

- ▶ [Cómo citar el artículo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Más información del artículo](#)
- ▶ [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc
Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto



HUMOR E NEGRITUDE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DE QUANDO BRANCOS RACISTAS SE TORNAM A PIADA

Mateus Pranzetti Paul Gruda – mateus.paul@unesp.br

Universidade Estadual Paulista, Unesp, Assis, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-5251-2874>

Leonardo Bonadio Silva – bonadio.leo@gmail.com

Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos, Unifio, Ourinhos, São Paulo, Brasil

RESUMO: Ao observarmos as condições sócio-históricas e culturais de formação da sociedade brasileira, podemos apontar a escravidão como uma das principais dimensões para sua constituição e o racismo consequente disso como algo estruturante da realidade, das relações e dos processos de subjetivação. As formas de perpetuação do racismo são variados atos e tipos de mensagens e representações direcionadas às minorias raciais a fim de desprezá-las e segregá-las. Neste ensaio, nos debruçamos sobre o discurso humorístico, desdobrando o quanto ele pode ser reforçador de um chamado “racismo recreativo” – tal como conceitua Adilson Moreira -, mas, também pode servir a criticar a ordem racista quando inverte o alvo da zombaria e escarnece de pessoas brancas preconceituosas. Nossas considerações se fundamentam nas noções de um “humor politicamente incorreto crítico” e de um “humor do discurso reverso” correlacionadas com um recorte bastante panorâmico do humorismo praticado por comediantes brasileiros negros e negras.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude; Humor; Politicamente Incorreto; Piadas.

1 INTRODUÇÃO

Desde o “descobrimento” das terras que, mais tarde, foram batizadas de Brasil, os colonizadores europeus se valeram da mão de obra escrava (PINSKY, 2010). Primeiro explorando os povos originários que aqui habitavam, para subsequentemente fazer o mesmo com aquelas e aqueles trazidos do continente africano. No regime escravocrata que pode ser compreendido como um “modo de produção”, tal como denomina Pinsky (2010), o/a escrava/o é coisificado/a ao ser tornado/a propriedade de alguém, mercadoria disponível para ser negociada, precificada.

Com o fim formal da escravidão no Brasil, via sanção da Lei Áurea de 13 de maio de 1888, a sociedade brasileira, com as particularidades do contexto sócio-histórico vivenciado a partir daquele acontecimento, iniciou um processo de resistência à integração do negro à população livre do país, visto que, apesar da abolição formal, o povo preto continuava a ser majoritariamente tratado e entendido como inferior aos brancos (DAHIA, 2008; THEODORO, 2007/2008). Inclusive, isto se traduzia e traduz não apenas em ações cotidianas de racismo e de explícita desigualdade racial, mas, igualmente em sua forma estrutural e legal (aqui empregamos o termo em seu sentido jurídico, evidentemente), tal como pontua Fabri (2020, não paginado):

A desigualdade racial, e consequentemente o racismo, não seria uma anomalia ou uma disfuncionalidade de um sistema defeituoso, mas sim a regra para a sua produção, manutenção e reprodução. Menos um acidente e mais um desenho institucional. Nesse caso, a população afro-brasileira não estaria excluída, mas sim incluída dentro desse sistema social numa eterna condição precária de subcidadania.

Em uma dinâmica que, conforme Theodoro (2007/2008, p. 80), demonstra que “a sociedade brasileira parece operar com uma espécie de pacto com a desigualdade”, a qual “[...] tem raízes históricas profundas e robustas, [e] que nasce com a presença da escravidão.” (THEODORO, 2007/2008, p. 80, grifo nosso) e se perpetua com a carência de políticas públicas que construam condições igualitárias de vida, na seletividade do aparato repressivo estatal, dentre tantas outras dimensões tal como é o caso do humor racista, o qual particularmente nos interessa sobremaneira neste artigo.

Dahia (2008, p. 703) analisa de modo arguto que, no contexto brasileiro pós-abolicionismo, o humor fundado na derrisão racista e materializada nas piadas, dentre outras possibilidades, era “motivado pela necessidade de reconduzir cada um ao seu lugar, ou seja, os não-brancos a uma condição de submissão, [portanto] o discurso jocoso passa a ser empregado amplamente como um rico recurso simbólico.” – recurso simbólico de manutenção da ordem fundada em um racismo estrutural, seguindo o desencadeamento de ideias da própria autora e nosso entendimento. Para Fonseca (1994), foi no período pós-abolição que surgiram as piadas racistas, as quais tiveram intensa transmissão a fim de rechaçar a integração do negro na sociedade brasileira, muitas das quais ainda podem ser ouvidas até o presente momento, seja em rodas de conversa, mesas de bar, discursos de pessoas públicas, vídeos e/ou em imagens veiculadas através das redes sociais.

Tais piadas racistas podem ser alinhadas ao conceito recuperado por Moreira (2019) de “microagressões” (desdobrando, apenas para mencionar, estas detêm três possibilidades: microassaltos, microinsultos e microinvalidações), o qual indica haver atos, mensagens e representações direcionadas a minorias raciais a fim de desprezá-las e segregá-las, apesar daqueles e daquelas (atos, mensagens e representações) não violarem propriamente as legislações vigentes.

Este autor também nos apresenta outro conceito que conecta os tópicos que estamos arrolando e iremos nos debruçar (humor e racismo), qual seja: o de “racismo recreativo” (MOREIRA, 2019) – expressão, inclusive, que dá título a uma das últimas obras deste autor. De forma bastante sumária, o racismo recreativo, conforme o supracitado autor, [...] deve ser visto como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais **por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor** como expressão e encobrimento da hostilidade racial.” (MOREIRA, 2019, p. 95, grifo nosso). Portanto, ainda nas palavras de Moreira, em entrevista concedida à revista Carta Capital em dezembro de 2018, o racismo recreativo “[...] diz sobre o uso do humor para hostilizar minorias raciais ao mesmo tempo que amenizam essas questões, colocando o

racismo como uma brincadeira entre brancos e negros, reforçando o discurso discriminatório” e produzindo “[...] a construção simbólica da negritude como uma característica estética e moralmente inferior à branquitude [que] é um dos elementos centrais do racismo recreativo.” (MOREIRA, 2019, p. 98). Valendo comentar que a formulação deste conceito nasceu de análises de processos criminais de racismo e injúria racial, nas quais Moreira percebeu que majoritariamente a justificativa para absolver os réus se fundavam em supostas “interações amistosas” para com as vítimas, não fruto de atos de racismo.

Feitos esses prolegômenos, intentaremos tecer alguns apontamentos referentes em como a comédia é usada atualmente por humoristas negros a fim de subverter a lógica das piadas racistas e quebrar estereótipos construídos de modo sócio-histórico-cultural há séculos.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 METODOLOGIA

O aparato teórico-metodológico que dará substrato de fundo para nossa reflexão é a Análise Crítica do Discurso (ACD) que compreende a linguagem na constituição da vida social e dos processos de poder, observando como os discursos são utilizados para criação e manutenção de ideias, ideais e perspectivas “senso comum”, classificando aqueles que estão dentro e os que estão fora desse senso (NOGUEIRA, 2008). Para Staiton Rogers (1998 *apud* NOGUEIRA, 2008), a ACD busca analisar o macro discurso, os quais são discursos presentes em determinados contextos coletivos e não individuais, pensando nos seus possíveis impactos socioculturais e, acresceríamos nós, psicossociais.

Sendo assim, pela chave ampla analítica da ACD buscaremos algumas das relações de poder que reforcem as desigualdades sociais, dando foco naquilo “que se põem em prática através do discurso, como o abuso do poder, o controlo social, a dominação, as desigualdades sociais ou a marginalização e exclusão sociais” (IÑIGUEZ, 2004, p. 118).

Neste trabalho, pesquisamos em redes sociais e em sites de hospedagem de vídeos por entrevistas e textos de humoristas negros que abordassem a temática racial em suas apresentações e também utilizassem do humor para reverter os papéis e colocar o branco como alvo de piadas e do riso. Para isso, também nos apoiaremos na noção de “humor politicamente incorreto crítico” de Gruda (2017) e no mecanismo do *humor of reverse discourse* – “humor do discurso reverso”, em tradução de Gruda (2017) – formulada por Weaver (2011).

2.2 HUMOR E NEGRITUDE

Diversos autores e autoras (para referenciar apenas alguns e algumas: BILLIG, 2005; GRUDA, 2017; LOCKYER, PICKERING, 2005; MINOIS, 2003) apontam que o humor pode deter tanto um caráter crítico, colocando em pauta assuntos do senso comum a fim de questioná-los, quanto um caráter reforçador dos ideais vigentes, dos preconceitos, dos estereótipos e relações de poder.

Com a finalidade de jogar luz nas questões raciais a partir do universo humorístico, o coletivo brasileiro de humoristas *Coisa de preto* reúne comediantes negros de diversas regiões do país, os quais realizam apresentações em que a temática da negritude se faz fortemente presente. Alguns e algumas das integrantes do grupo são: Bruna Braga, Edson Duavy, Gui Preto, Hélio de la Peña, Micheli Machado. Robson Nunes, Yuri Marçal.

Em entrevista ao *Programa do Porchat* (realizada em outubro de 2018 e disponível para ser assistida *online*¹), parte do grupo conta que nos shows brincam com suas realidades cotidianas e com os estereótipos raciais enfrentados diuturnamente, desmistificando-os e, muitas vezes, invertendo-os para pessoas brancas. Gui Preto cita como exemplo um episódio no qual o técnico de som branco de um show cometeu um erro, para o qual o humorista reagiu com a fala “tinha que ser branco”. Noutra entrevista, dada ao canal do YouTube *Clube do Minhoca* (disponibilizada online em julho de 2019²), Robson Nunes e Micheli Machado apontam que “a comédia é uma forma de protesto”, o que pode sintetizar, de maneira geral, que o humor praticado e realizado pelas e pelos integrantes do citado coletivo tem um caráter contestador e crítico à realidade racista, intentando expor as piadas e comportamentos racistas a fim de combatê-los.

Neste ponto, antes de prosseguirmos, recorreremos àquilo que Gruda (2017) chama de “humor politicamente incorreto crítico” por entendermos que esse humor exposto acima está conectado a tal noção. Para explicarmos do que se trata o humor politicamente incorreto crítico, pedimos licença à leitora e ao leitor pela citação um tanto longa, entretanto, o faremos, pois entendemos que esta sintetizará este “tipo” de humor.

O humor politicamente incorreto crítico é politicamente incorreto por transgredir limites e convenções estabelecidas, entretanto, por ser crítico, o faz denunciando majoritariamente de forma mordaz e ácida e, por vezes, se valendo de uma ironia sutil, mas não menos provocadora, tanto o funcionamento desigual das relações sociais, como a construção e propagação dos pensamentos e discursos conservadores e reacionários, os quais, evidentemente, são e estão afinados e servem à manutenção da

¹ “Humoristas do grupo Coisa de Preto falam sobre criação de stand up”. Disponível em: <https://youtu.be/bZTL6fJJRvA>. Acesso em: 28 mar. 2022.

² “COISA DE PRETO NO CLUBE DO MINHOCA!”. Disponível em: <https://youtu.be/fhaoBTJTsvc>. Acesso em: 28 mar. 2022.

desigual ordem vigente. Desse modo e resumindo, trata-se de humor por estar fundado nos mecanismos que fazem um discurso funcionar humoristicamente (uso de inversões e/ou confirmações de expectativa, jogos de palavras, ironia, sátira, paródia etc.), é politicamente incorreto por afrontar padrões de pensamento e conduta convencionados como “corretos” e que devem ser seguidos, os quais, evidentemente, estão vinculados ao modo hegemônico de existência – fundada na desigualdade econômica e de direitos – e, por fim, o classificamos como crítico por alvejar e explicitar aquilo que dá sustentação à ordem vigente, procedimentos que possibilitam reflexões e, quiçá, mudanças de atitudes e ideias (GRUDA, 2017, p. 131)

Mais um exemplo de crítica aos discursos reacionários de cunho racista pode ser identificado em outro vídeo. Neste, Yuri Marçal conta, em entrevista a Cauê Moura no podcast *Poucas* (veiculado em fevereiro de 2020³), sobre um episódio no qual participou do *Programa Pânico* na Rádio Jovem Pan (entrevista realizada em novembro de 2019⁴). O comediante narra que foi convidado a um debate com a temática “Dia da Consciência Negra”, e, que de última hora, soube que dividiria a bancada do programa com outro convidado, Paulo Cruz, o qual tem opiniões divergentes sobre a temática racial. Pego de surpresa, Yuri Marçal nos conta que pensou em desistir, contudo, ao consultar alguns amigos, estes sugeriram-lhe aproveitar a oportunidade para usar o humor como arma contra as opiniões que ali seriam colocadas. E assim o fez.

Yuri se apresentou no programa radiofônico dizendo “para fazer um contra ponto, hoje eu vim fantasiado de homem branco”, o que arranca gargalhadas dos presentes. Ainda no podcast *Poucas*, ele revela que participou da entrevista para ironizar as falas conservadoras que pautavam a discussão, concordando com tudo que era dito pelo outro entrevistado e pela equipe do programa, afinal, sabia que se engajar em um debate reativo às falas dos participantes poderia resultar em uma exaltação dos ânimos.

O humorista conta que passou toda a entrevista dentro de seu papel de “homem branco”, ironizando a fala dos colegas de debate, sem que os mesmos percebessem que estavam de frente a uma persona que os ridicularizava. Apenas ao final do programa de rádio que a equipe percebeu o acontecido ao consultarem as reações da entrevista em uma rede social, porém, não em tempo de desmascararem o comediante durante o desenrolar da transmissão ao vivo do programa. Paulo Cruz, após também descobrir sobre o personagem na entrevista, teceu-lhe críticas em uma rede social, no entanto, Yuri diz que se sentiu satisfeito por ter afrontado o discurso retrógrado de forma humorística.

Complementando a noção de “humor politicamente incorreto crítico” (GRUDA, 2017), podemos apontar o mecanismo do “humor do discurso reverso” conceituado por Weaver (2011). Esse diz respeito a apropriar-se de símbolos, falas e expressões que perpetuam as desigualdades e preconceitos,

³ “CAUÊ MOURA + YURI MARÇAL | POUÇAS #67 | S02 EP34”. Disponível em: <https://youtu.be/ba-3RTWvfjY>. Acesso em: 28 mar. 2022.

⁴ “Paulo Cruz e Yuri Marçal | Programa Pânico – 19/11/19”. Disponível em: https://youtu.be/x_agl_kfi60. Acesso em: 28 mar. 2022.

promover uma alteração em seus significados e lançá-los de volta àqueles que os proferiram, tornando-os alvo de seus próprios discursos que agora estão subvertidos.

O comediante Gui Preto, seguindo as linhas do “humor do discurso reverso” e do “politicamente incorreto crítico”, representa um personagem chamado “Gui Branco”, o qual realiza os chamados vídeos de *reacts* que, basicamente, são vídeos nos quais uma pessoa assiste (ou, para usar o termo comumente empregado, reage) a um vídeo de uma outra e tece comentários a respeito. Em vídeos disponíveis *online* tanto em seu perfil do Instagram ([instagram.com/oguipreto](https://www.instagram.com/oguipreto)), quanto no canal do comediante na plataforma Youtube (<https://www.youtube.com/channel/UCfnoF8Z4ms0qUtuE6ZARyZw>), o personagem assiste a vídeos de diferentes personalidades, como, por exemplo, Sara Fernanda Giromini (ativista de extrema-direita popularmente conhecida por “Sara Winter”), que discorrem sobre pautas sociais e política de forma majoritariamente preconceituosa e reacionária, e reage a estes tecendo comentários ácidos e irônicos. Em um primeiro momento, aparentando concordar com o que está sendo dito, contudo, em sequência, satirizando tais discursos e posicionamentos apresentados.

Além de Gui Preto, o já citado Yuri Marçal também disponibiliza vídeos em seu perfil no Instagram ([instagram.com/oyurimarcal](https://www.instagram.com/oyurimarcal)) em que imita personalidades brancas as quais proferiram falas ou tiveram ações racistas e, assim como no caso descrito acima, esse comediante escracha o discurso racista com falas repletas de ironia e acidez humorística. Um episódio envolvendo tais vídeos que gostaríamos de comentar é o de que dois desses, nos quais Yuri se valia desse humor politicamente incorreto crítico para zombar de discursos reacionários, foram recentemente retirados de seu perfil na rede social devido a denúncias feitas por usuários. Em uma postagem subsequente ao ocorrido, o humorista alegou que as denúncias, a qual ele acredita terem sido feitas por seguidores das personalidades satirizadas, são resultados desse seu humor que escancara o discurso reacionário, lamentando que a rede social retire seus vídeos, enquanto não promove sanções às pessoas que ele tem ironizado.

Um outro exemplo que destacamos é um vídeo do grupo humorístico *Porta dos Fundos* intitulado *Escritor Branco*⁵. Neste, o supracitado Yuri Marçal é o protagonista, interpretando o papel de entrevistador, e o ator e comediante Gregório Duviver (o qual, é branco e isso é importante citar para aquelas e aqueles que não estão familiarizadas com o ator e tampouco ainda assistiram o esquete) encena o escritor Heitor Peraza. Durante o esquete há utilização do “humor do discurso reverso” (WEAVER, 2011), pois o entrevistador questiona repetidamente o escritor sobre a realidade da “literatura branca”, sobre como são perceptíveis os sinais da “cultura branca” em sua escrita, chegando a demonstrar espanto por Heitor ter seguido o caminho da literatura. Noutro vídeo, o qual mostra os bastidores de gravação do esquete *Escritor*

⁵ “ESCRITOR BRANCO”. Disponível em: <<https://youtu.be/2s7WTh3IzBQ>>. Acesso em 28 de mar. 2022.

*Branco*⁶, Yuri Marçal comenta sobre como é estar no papel daquele que realiza esses tipos de questionamentos, já que frequentemente é indagado dessa forma quando é entrevistado.

O esquete, destarte, tece críticas e ironiza certas perguntas feitas por entrevistadores brancos aos artistas negros, as quais, muitas vezes, são fruto do racismo estrutural vivenciado na sociedade brasileira, uma vez que, não raro, aqueles que perguntam se mostram surpresos por artistas negros terem escolhido aquela profissão, como se no âmbito do não-dito, fosse incrível imaginar um negro que não estivesse, por exemplo, na criminalidade ou exercendo profissões menos valorizadas socialmente. Além disso, igualmente não é raro que as obras dos artistas negros sejam necessariamente associadas e referenciadas tão somente com a cultura negra. Nestes casos, podemos retomar o início do ensaio, no qual citamos que, após a abolição da escravidão no Brasil se iniciou um processo de resistência à entrada do negro à sociedade livre (DAHIA, 2008; FABRI, 2020, FONSECA, 1994; THEODORO, 2007/2008).

Um último exemplo de “humor do discurso reverso” referente a tais discussões que gostaríamos de arrolar é a performance *Reverse racism*⁷ [racismo reverso] de Aamer Rahman, comediante de *stand-up* australiano de origem saudita, que poderia ser classificada como um “clássico” do gênero, visto sua grande difusão pelas redes sociais e número elevado de visualizações (no momento que finalizamos a revisão final desse texto, julho de 2022, esse número é superior a três milhões). Em síntese, Aamer coloca em perspectiva o rótulo de “racista ao reverso”, quando supostamente brancos seriam alvos de racismo por parte dos negros. Para tal, ele supõe que se tivesse uma máquina do tempo e nessa fissão do espaço-tempo a história ocidental contasse que os povos africanos, asiáticos e originários daquilo que fora chamado pelos invasores europeus de América tivessem dominado o mundo e procedido do mesmo do como os países europeus agiram, se poderia falar em racismo ao reverso quando negros fazem piadas sobre brancos. Como analisado em outro lugar por um dos autores desse ensaio: “[...] Rahman, ao retomar o histórico de opressão impingida pelos europeus aos negros, latino-americanos e asiáticos, demonstra que aquilo (racismo invertido), dadas as condições sócio-históricas atuais, seria crível se a história também tivesse transcorrido de forma invertida.” (GRUDA, 2017, p. 150) e, reforçamos aqui, apenas nestas condições. Do modo como as coisas estão estruturadas, a acusação de racismo ao reverso não passa de uma construção ideológica, termo aqui empregado no sentido de obnubilação e inversão da realidade (CHAUÍ, 1994; ŽIŽEK, 1996), que intenta de maneira cínica (GRUDA, 2017) inverter as posições entre oprimidos e opressores.

⁶ “MAKING OF - ESCRITOR BRANCO” Disponível em: <https://youtu.be/1eN9GJ-8gm8>. Acesso em: 28 mar. 2022.

⁷ “Aamer Rahman (Fear of a Brown Planet) - Reverse Racism”. Disponível em: https://youtu.be/dw_mRaIHb-M. Acesso em: 28 mar. 2022.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, compreendemos que há muitas materializações de “humor politicamente incorreto crítico” que abordam questões raciais, no entanto, os exemplos aqui citados servem como um recorte possível para ilustrar essa fase e cenário da comédia nacional que focaliza o racismo e o humor racista. Assim, temos críticas aos discursos hegemônicos, subversão dos discursos reacionários, apropriação de seus símbolos e uma reversão pela via humorística, os lançando de volta àqueles que sempre riram das minorias e praticaram o “racismo recreativo” (MOREIRA, 2019), reforçando preconceitos.

As apresentações do grupo *Coisa de preto*, como comentamos e reforçamos ao finalizarmos esse texto, se afixam no escracho dos estereótipos associados à negritude, no tornar os brancos alvos das piadas, rindo de seus modos de agir e ser, invertendo o discurso humorístico racista que sempre foi voltado ao povo preto, assim, escancarando tais pensamentos, atos, mensagens e falas conservadores e reacionárias. Além de mostrarem que o/a humorista negro/a também tem sua vivência, também faz piada de “coisas comuns”, como por exemplos, relacionamento amorosos e familiares, todavia, mostrando que as questões raciais sempre atravessam suas vidas, sendo impossível se distanciar completamente delas, e por isso, denunciam as desigualdades envolvidas.

Gui Preto e Yuri Marçal foram alguns dos exemplos de reversão do discurso através do humor, uma vez que estereotipam brancos, satirizando-os, mostrando os problemas em seus discursos e em como eles reforçam pensamentos racistas. Assim, ao imitá-los, parodiá-los e reagir ironicamente aos seus discursos, escancaram as desigualdades sociais e raciais e podem auxiliar na produção de reflexões sobre questões raciais, tal como racismo estrutural e o racismo recreativo.

4 REFERÊNCIAS

BILLIG, Michael. *Laughter and Ridicule: Towards a Social Critique of Humour*. London: SAGE Publications, 2005.

CARTA CAPITAL. Adilson Moreira: “O humor racista é um tipo de discurso de ódio”. *Carta Capital*. 20 dez. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/adilson-moreira-o-humor-racista-e-um-tipo-de-discurso-de-odio/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAHIA, Sanda Leal de Melo. A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 697-720, set./dez. 2008.

FABRI, Leonardo. As políticas da desigualdade racial no Brasil: uma república erguida com cotas para os brancos. *Blog da Boitempo*, 30 de junho de 2020. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2020/06/30/as-politicas-da-desigualdade-racial-no-brasil-uma-republica-erguida-com-cotas-para-os-brancos/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

FONSECA, Dagoberto José. *A piada: discurso sutil de exclusão, um estudo do risível no “racismo à brasileira”*. 1994. 307 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.

GRUDA, Mateus Pranzetti Paul. *O discurso do humor politicamente incorreto no mundo contemporâneo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

IÑIGUEZ, Lupicínio. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

LOCKYER, Sharon; PICKERING, Michael (org.) *Beyond a joke: the limits of humour*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARÇAL, Yuri. *Perfil no Instagram*. Disponível em: <http://www.instagram.com/oyurimarc>. Acesso em: 28 mar. 2022.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. Tradução de M. Assumpção. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

NOGUEIRA, Conceição. Análise(s) do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 235-242, 2008.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil*. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PRETO, Gui. *Canal no Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCfnoF8Z4ms0qUtuE6ZARyZw>. Acesso em: 28 mar. 2022.

PRETO, Gui. *Perfil no Instagram*. Disponível em: <http://www.instagram.com/oguipreto>. Acesso em: 28 mar. 2022.

THEODORO, Mário. “Exclusão ou inclusão precária? O negro na sociedade brasileira”. *Inclusão Social*, Brasília, v. 3, n. 1, p. 79-82, out. 2007/mar. 2008.

WEAVER, Simon. *The rhetoric of racist humour: US, UK and global race joking*. Farnham: Ashgate publishing, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. (org.). *Um mapa da Ideologia*. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Title

Humor and blackness: some considerations related when white racist people become the joke.

Abstract

When we take a look to the social-historical and cultural conditions of the Brazilian society formation , we can point out that slavery is one of the main dimensions for its constitution and consequently racism is something structuring social and psychological relations. The ways for perpetuating this are varied acts and several kinds of messages and representations targeting racial minorities in order to despise and segregate them. Here we focus on humour discourse, unpacking how it could reinforce a “recreative racism” – as it is conceptualised by Adilson Moreira -, but also could serve to criticise the racist order when it inverts the target of the mockery and makes fun of prejudiced white people. Our considerations are based on “critical politically incorrect humour” and “humour of reverse discourse” notions and we correlated them with a cut of humour made by some black Brazilian comedians.

Keywords

Racism; Blackness; Humour; Political Incorrectness; Jokes.

Recebido em: 28/03/2022.

Aceito em: 11/07/2022.